

SERIA O ESPIRITISMO UMA FILOSOFIA DE VIDA?

Chegou até o nosso conhecimento um artigo intitulado “Seria o Espiritismo uma filosofia de vida?”, material que consta no site do CACP, especificamente na seção “Seitas Espiritismo” correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/seria-o-espiritismo-uma-filosofia-de-vida/>).

Antes de tudo, gostaria de ressaltar que, numa primeira leitura do artigo aqui citado (ou até mesmo depois da segunda), podemos concluir um dos dois fatos abaixo:

1. Ou o autor realmente estudou a codificação, mas, por uma série de fatores, não compreendeu a sua mensagem;
2. Ou o autor não estudou a codificação e, assim, agiu de má-fé escrevendo tantas coisas sem sentido com o único fim de esconder a verdade.

Preferimos, a priori, acreditar na opção 1, o que nos faz, naturalmente, levarmos o articulista a sério, como o que deve acontecer em todas as conversas e debates sérios. Iremos comentar ponto a ponto as suas ideias, podendo, dessa maneira, exercer o nosso inalienável direito de resposta, o qual não abrimos mão.

Na primeira parte do artigo nos deparamos com afirmações de que:

É muito comum entre alguns kardecistas a idéia de que o espiritismo deve ser encarado somente como uma filosofia de vida e não como uma religião.

Na verdade, não estão corretas as declarações dos que assim pensam, especialmente quando alegam que o próprio Allan Kardec teria afirmado, sucessivamente, que o espiritismo sempre foi uma filosofia. O contrário é que é verdadeiro. Ou seja, Allan Kardec sempre afirmou que o espiritismo era uma religião, e fez isso de modo enfático, segundo consta em seus livros.

Analisando bem a codificação espírita, com os olhos bem “abertos” ou com os “olhos de ver” e sem preconceitos arraigados, não poderíamos fazer uma afirmação como essa. Primeiro, Kardec nem sempre propôs o Espiritismo como uma religião, só o fazendo a cinco meses antes do seu desencarne. Segundo, mesmo que ele e os espíritos tenham idealizado o espiritismo como uma religião, em nada estaria este relacionado ao tipo de religião institucionalizada, hierarquizada e ritualizada por todos nós conhecida. Antes, porém, como sabemos, está relacionado ao conceito de religião no que diz respeito ao sentido filosófico, ou seja, à religião do ser com a Causa Primária ou Deus propriamente dito, à união diferente e a estes sentidos, juntamente às consequências que alcançam, apenas. Amparando-se na moral, na ciência e na filosofia constrói o seu “tripé”. Assim, não estão errados aqueles que dizem ser o Espiritismo uma filosofia de vida, visto que o seu caráter filosófico atinge, devido as suas consequências morais, diretamente os corações daqueles que o seguem e o estudam seriamente. Enfim, buscar em Kardec embasamento para a ideia de que proclamava o Espiritismo como uma religião, tal qual é apregoado no presente artigo, é, por demais, ingênuo.

Devemos salientar, porém, que o movimento espírita, sendo este responsável por suas próprias ações e decisões, nos seus lugares específicos, possui adeptos que aderiram ao Espiritismo como uma forma de igrejismo, fato esse facilmente explicável devido a imigração de irmãos de outras vertentes

filosófico-religiosas. Como podemos ver, as influências sociais exercem um papel bem predominante na constituição deste fenômeno, no entanto, repetimos, a proposta não foi a criação de uma nova religião sob os moldes apregoados pelo articulista. Dentro deste contexto ainda, devemos lembrar de questões históricas que levaram às pessoas menos informadas, conceberem e propagarem o Espiritismo como uma religião. Trata-se da transformação da doutrina em religião, pois os espíritas sofriam muitas perseguições quando da expansão do movimento no Brasil e o nosso Código Civil proibia reuniões com características ilusionistas. Como nas reuniões espíritas aconteciam e acontecem mediunizações, estavam, propensas a esse tipo de interpretação equivocada. Logo, o Espiritismo, no processo de implantação no Brasil, só seria aceito enquanto “religião espírita” e não “doutrina espírita”. Com isso, prossegue o CACP:

Naturalmente, se existe dúvida quanto à finalidade do espiritismo, não é porque Allan Kardec não foi claro ao expor seu posicionamento. O que ocorre é que é conveniente aos espíritas manter as duas posições, segundo seus interesses em ganhar novos adeptos nos diversos meios em que se estabelece.

“Ganhar novos adeptos”, certamente, não é missão do espiritismo, pois sabemos que nunca pretendeu forçar convicção alguma. Além do mais, o Espiritismo nunca se dirigiu às pessoas com suas respectivas fés. Se dirigiu, sobremaneira, às pessoas sem fé alguma ou com a fé ao nada (tal crença pede também uma espécie de fé) com o intuito de fazê-las repensar o materialismo. Em síntese, na obra *O Espiritismo na sua mais simples expressão* podemos ver, clara e objetivamente a finalidade do Espiritismo: “o objetivo essencial do Espiritismo é melhorar os homens, no que concerne ao seu progresso moral e intelectual.” (KARDEC, 1979, p. 15). Partindo desta premissa, prossigamos na análise dos argumentos do CACP:

Em certos lugares, de classe média ou alta da sociedade, o espiritismo procura se expressar com a idéia e conceitos de uma filosofia, isto é, filosoficamente. E, como filosofia, pode envolver, sem grandes obstáculos, o eventual adepto que já possui uma religião.

Na maioria das vezes, especialmente no Brasil, os católicos, quando interrogados, confessam ser tradicionais, porém, não muito familiarizados com os dogmas romanos, não tendo, portanto, muita compreensão das incompatibilidades doutrinárias entre sua religião e o espiritismo. Assim, com facilidade, o espiritismo se introduz na vida de muitos “católicos romanos” como se fosse apenas uma filosofia de vida.

Quando o espiritismo kardecista adquire a confiança do novo adepto já conquistado, então seus arautos apregoam abertamente que se trata de uma religião, e se ufanam de seguir a terceira revelação de Deus aos homens. Não é sem razão que Jaci Régis, um dos representantes do grupo, afirma que o Brasil, atualmente, é o país que concentra o maior número de espíritas no mundo.

Pelo censo do IBGE de 2000, os espíritas brasileiros somam três milhões. E, segundo Jaci Régis, noventa por cento deles adotam a doutrina como religião, não como filosofia.

Este fenômeno social já foi explicado e é totalmente demonstrável quando olhamos o movimento espírita. O prezado contraditor deve está confundindo “movimento espírita” com Espiritismo. O movimento espírita é responsável por suas convicções, repito, estando assim completamente passível de erros. Por outro lado, e reiterando em tempo, o Espiritismo não pode ser julgado pelos erros do movimento ou de adeptos mais ou menos esclarecidos. O Espiritismo, prezado,

está na codificação pura e simplesmente. O que ultrapassa esses limites é de responsabilidade dos colaboradores da causa, e assim, pode ser formado de ideias mais ou menos exatas ou mais ou menos condizentes com a codificação.

Já que insistentemente vem dizendo que os espíritas se preocupam a fazer prozelitismo, coisa comum à demais religiões, trazemos essas considerações de Kardec:

“O Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por esse motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas ideias o clero, de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: acolhei com solicitude os homens de boa vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que crêem não sereis bem-sucedidos; **não façais violência à fé de ninguém**, muito mais quanto ao clero que aos seculares, porque semeareis em campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e deles dai de comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados.” (KARDEC, 2001, p.36, grifo nosso).

Não satisfeito o CACP lança mão de entabular certas contradições em Kardec. Vejamos:

Contradições de Allan Kardec

Como ocorre com outras organizações religiosas que não querem assumir seu caráter religioso, o espiritismo, a princípio, nega sua condição.

Falando por um lado da boca, Allan Kardec afirma: *“O espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não cuida de questões dogmáticas. 'o espiritismo vem derramar luz sobre um grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, portanto, o de uma ciência e não de uma religião”*. 1

Contudo, falando pelo outro lado da boca, declara: *“O espiritismo foi chamado a desempenhar um papel imenso na terra. Reformará a legislação tantas vezes contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo, que nas mãos dos clérigos se transformou em comércio e tráfico vil; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus, sem se deter às abas de uma sotaina ou nos degraus de um altar”*. 2

Aqui nos deparamos com situações e citações, no mínimo, interessantes. Naturalmente, à primeira vista tais argumentações “embasadas” no trabalho de Kardec, podem parecer, ao leitor menos atento, convincentes. Todavia, com mais cuidado, notamos que tais citações são apenas retalhos e, assim, ocultam o real sentido das palavras do pedagogo. Aliás, como se seguirá, veremos que é prática comum dos colunistas do site CAPC, o que nos faz perguntarmos qual a verdadeira intenção do site: propagar a verdade ou meias-verdades? Ora, sabemos que a mentira e a má-fé não condizem com a condição de bons cristãos, logo nos permitimos acreditar que a intenção do site, e do articulista em questão, é a propagação da verdade, ainda que de uma forma, no mínimo, estranha. Transcreveremos abaixo toda a fala de Kardec e, dessa forma, com o contexto exposto para que, você leitor, faça as suas reflexões.

O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra. Ele reformará a legislação ainda tão frequentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo, que se tornou, nas mãos dos padres, objeto de comércio e de tráfico vil; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao espírito de dominação os mais sagrados direitos da Humanidade. (KARDEC, 2006, p. 330-331, grifo nosso).

O que podemos ver, em suma, é que há uma confusão no entendimento de religião acima abordado. Não há, pois, intenção alguma de Kardec em relacionar diretamente as ideias do Espiritismo às da religião nos seus moldes usuais. Afinal de que maneira estamos falando de religião? A confusão também decorre do fato de o Espiritismo conter bases que sejam suscetíveis à correlações com o religioso nas conotações mais comuns do termo. Para ficar mais claro, vejamos o que Kardec nos fala:

Todas as reuniões religiosas, qualquer que seja oculto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; está aí um efeito que deve e pode exercer todo o seu poder, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento dos constrangimentos da matéria. Infelizmente a maioria se desviou deste princípio, à medida que fez da religião uma questão de forma. Disso resultou que cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, acreditou-se quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disso resulta ainda que cada um vai nesses lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais frequentemente, sem nenhum sentimento de confraternização com respeito aos outros assistentes; está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo. (KARDEC, 1993a, p. 357)

Por certo, era assim que o entendia Jesus, ao dizer: "Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas." Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e ações. Mentem os egoístas e os orgulhosos, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, **a palavra religião quer dizer laço; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças**; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É nesse sentido que se diz: a *religião política*, no entanto, mesmo nesta acepção, a palavra *religião* não é sinônimo de *opinião*; ela implica uma idéia particular: a de *fé conscienciosa*; é porque se diz também: a *fé política*. Ora, os homens podem se alistar, por interesse, num partido, sem ter a fé desse partido, e a prova disto é o que o deixam, sem escrúpulo, quando en-contram seu interesse em outra parte, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste ao preço dos maiores sacrifícios e é a abnegação dos interesses pessoais que é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. No entanto, se a renúncia a uma opinião, motivada por interesse, é um ato de covardia desprezível, ela é respeitável, ao contrário, quando é o fruto do reconhecimento do erro em que se está; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se está errado, do que persistir, por amor-próprio, naquilo que se sabe ser falso, e para não dar um desmentido a si mesmo, o que acusa mais teimosia do que

firmeza, mais orgulho do que julgamento, e mais fraqueza do que força. É mais ainda: é a hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; é, além disso má ação, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que lhe seja o objeto, é, pois, um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais, que se quebram à vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam aos olhos mais do que ao espírito. O efeito desse laço moral é de estabelecer entre aqueles que une, como consequência da comunhão de objetivos e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas idéias diferentes, e que, **na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto**; que ela desperta exclusivamente uma idéia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião frequentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser mantidas religiosamente, quer dizer, com recolhimento e o respeito que comporta a natureza séria dos assuntos dos quais ela se ocupa; pode-se mesmo ali dizer, se for possível, as preces que, em lugar de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem ser por isto que se entendam por assembleias religiosas. **Que não se creia que esteja aí um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão não vem senão da falta de uma palavra para cada ideia.** (KARDEC, 1993b, p. 358-359)

Esse texto de Allan Kardec explica com propriedade qual a verdadeira intensão do vocábulo “religião” no meio da codificação. Portanto, fica-nos claro e completamente demonstrável na prática o verdadeiro caráter do Espiritismo. Com isso, vamos adiante nas ideias do CACP. Vejamos:

Enfatizando a condição de religião do espiritismo, Kardec expressa: *”Aproxima-se a hora em que terás de declarar abertamente o que é o espiritismo e mostrar a todos onde está a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. A hora em que, à face do céu e da terra, deverás proclamar o espiritismo como única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana”*. 3

Nos deparamos consecutivamente com mais uma fala retalhada desta vez dos espíritos superiores, contida em *Obras Póstumas*. Trata-se de uma comunicação feita em agosto de 1963, a qual transcrevo a baixo com o seu completo teor para as devidas reflexões do caro leitor:

Séguer, 9 de agosto de 1863

(*Médium: Sr. D'A...*)

Pergunta – Que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resposta – Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois que explanas questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. Fizeste bem enfrentando as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida tem que ser destruída; a terra e suas populações civilizadas estão prontas; já de há muito os teus amigos de além-túmulo as arrotearam; lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra grave na ordem irradiante das esferas e que saia, afinal, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Acaba a tua obra e conta com a proteção do teu guia, guia de todos nós, e com o auxílio devotado dos Espíritos que te são mais fiéis e em cujo número digna-te de me incluir sempre.

P. – Que dirá o clero?

R. – O clero gritará – heresia, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito. Gritará tanto mais, quanto se sentirá muito mais ferido do que com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, cujos dados principais, a rigor, poderia aceitar. Agora, porém, tu entraste por um novo caminho, no qual não poderá ele acompanhar-te. O anátema secreto se tornará oficial e os espíritas serão repelidos, como o foram os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Em compensação, os espíritas verão aumentar-se-lhes o número, em virtude dessa espécie de perseguição, sobretudo com o qualificarem, os padres, de demoníaca uma doutrina cuja moralidade esplenderá como um raio de Sol pela publicação mesma do teu novo livro e dos que se seguirão.

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques.

Entretanto, amigo, se a tua coragem ainda não desfaleceu sob a tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste feliz até ao presente, mas que é chegada a hora das dificuldades. Sim, caro Mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, exacerbados pelo bom êxito da tua propaganda, vão atacar-te e aos teus com armas envenenadas. Prepara-te para a luta. Tenho, porém, fé em ti, como tu tens fé em nós, e sei que a tua fé é das que transportam montanhas e fazem caminhar por sobre as águas. Coragem, pois, e que a tua obra se complete. Conta conosco e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de modo muito particular. (KARDEC, 2006, p. 339-340, grifo nosso).

Sendo assim, esta comunicação, não tem o teor de colocar o Espiritismo como uma religião. Vemos, sim, precisamente um texto que explícita ainda mais a separação que há entre a doutrina espírita e a “religião” espírita. “Verdadeira religião”, “verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo”, etc. são expressões que reforçam essa tese. Infelizmente, como já nos alertava os espíritos superiores e o próprio Kardec, a nossa linguagem ainda é muito pobre. Existem ideias ainda não dissociadas pelas palavras, o que, dessa maneira, causa ainda mais confusões no entendimento dessas ideias. Prossigamos nas ideias do CACP. Vejamos:

Portanto, Allan Kardec, inegavelmente, reivindicou ser o espiritismo uma religião. Afirmou ser a verdadeira religião, superior a todas as outras, ainda que alguns de seus adeptos insistam em alegar que o espiritismo seja somente uma filosofia ou ciência.

A terceira revelação de Deus

Na condição de religião, o espiritismo apela para uma suposta autenticidade de suas revelações, considerando-se a terceira e definitiva revelação de Deus aos homens. Allan Kardec diz que a primeira revelação de Deus aos homens se deu no Antigo Testamento; a segunda, no Novo Testamento; e a terceira, por meio do Espiritismo.

“A Lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento a teve no Cristo. O espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, mas pelos espíritos, que são as vozes do céu, em todos os pontos da terra, com o concurso de uma legião inumerável de intermediários” . 4

Outra assertiva semelhante diz: *“A primeira revelação era personificada em Moisés; a segunda, no Cristo; a terceira não o é em indivíduo algum. As duas primeiras são individuais; a terceira, coletiva; aí está uma característica essencial e de grande importância” . 5*

Como um sistema de doutrinas reveladas por entidades espirituais e com a proposta de atualizar revelações de outras duas religiões precedentes (judaísmo, Antigo Testamento; cristianismo, Novo Testamento) pode não ser uma religião?

Neste momento, para responder a indagação, parafrasearemos Kardec: “no sentido filosófico, sem dúvida senhor, o Espiritismo é uma religião.” Espiritismo é terceira revelação de Deus enquanto consolador e esclarecedor das obscuridades do seio religioso usual. O Espiritismo, caro colega, não é o resultado de uma análise crítica de outras religiões. Reconhecer a moral cristã não advoga para esta doutrina o título de nova religião, assim como, interpretar à luz da razão e da ciência as narrações do Antigo Testamento. Atualizações são, impreterivelmente, necessárias, afinal de contas, estamos no século XXI; as alegorias, logo, devem parecer inteligíveis para nós, os dogmas reinterpretados e os cultos menos mistificados. Com isso, prossigamos nos argumentos do CACP. Vejamos:

Cristianismo e espiritismo

O cristianismo tem seus fundamentos históricos e doutrinários baseados na Bíblia. Qualquer movimento religioso que se diz cristão deve ter seus ensinamentos confrontados com a Palavra de Deus para se verificar sua veracidade e, dessa forma, serem considerados verdadeiramente cristãos.

Mas a doutrina espírita, segundo seus próprios advogados, “nos ensina a praticar o cristianismo em sua forma mais pura e simples. Assim, o espírita kardecista procura ser um bom cristão. Ele sente que precisa combater seus próprios defeitos e praticar os ensinamentos de Jesus”. 6

Diante disso, para atingir seu objetivo, o espiritismo elogia Jesus Cristo com muitas palavras: *“Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo? [...] Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que Ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque Ele estava animado pelo Espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na terra” . 7*

Qual é o cristão que não concordaria com essas declarações sobre Jesus e seus ensinamentos?

Isso lemos na Bíblia, com frequência (Hb 4.15; 7.26). Mas, segundo os próprios espíritas, eles são os únicos que apregoam os verdadeiros ensinamentos dados por Jesus.

O verdadeiro espírita, estimado opositor, não se sente o dono da verdade. Aliás, o contrário é que deve ser verdadeiro, já que a única preocupação de muitos membros de outras correntes filosófico-religiosas é a de denigrar a imagem do Espiritismo perante a sociedade. Devo dizer também que ficamos felizes por serem concordantes desta resposta dos espíritos, afinal, já é um ganho para a evidência da doutrina, ainda que esta não se ocupe com isso. O verdadeiro espírita não poderia dizer que somente ele apregoa os verdadeiros ensinamentos de Jesus, conquanto a moral do Evangelho é, sabidamente, universal. Porém, o verdadeiro espírita reinterpreta ensinamentos obscurecidos pelas vicissitudes humanas que tanta corroeram o corpo sacerdotal da religião nos tempos.

Allan Kardec perguntou aos espíritos o seguinte: “*Se Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, que utilidade têm os ensinamentos dos espíritos? Poderão eles ensinar alguma coisa além do que ensinou Jesus?*”.

E a resposta foi: “*Os ensinamentos de Jesus eram frequentemente alegóricos e na forma de parábolas, dado que Ele falava de acordo com a época e os lugares. Hoje, é preciso que a verdade seja inteligível a todos, razão pela qual é preciso explicar e desenvolver esses ensinamentos, porque tão poucos são os que os compreendem e ainda menos os que os praticam. Consiste nossa missão em abrir os olhos e os ouvidos a todos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas, esses que exteriormente se revestem das aparências da virtude e da religião para melhor ocultarem suas torpezas*”. 8

Com essa explicação dada pelos espíritos, Allan Kardec acha que tem o direito de remover da Bíblia tudo quanto ela afirma contra as práticas e os ensinamentos do espiritismo. A partir desse posicionamento, tudo o que for contra o espiritismo, pode-se alegar, com muita propriedade, que faz parte dos ensinamentos parabólicos ou alegóricos de Jesus e que não devem ser considerados para os nossos dias.

Aqui vemos uma declaração inusitada: “[...] *pode-se alegar, com muita propriedade, que faz parte dos ensinamentos parabólicos ou alegóricos de Jesus e que **não devem ser considerados para os nossos dias.***

Nós espíritas, caro articulista, faremos o desafio de nos mostrar algo na codificação espírita que nos aconselhe a não considerarmos os ensinamentos de Jesus. Inclusive, deixarei por conseguinte, um espaço para a sua citação:

Outro desafio que poderíamos fazer ao caro amigo é o de nos mostrar algo na Bíblia que esteja contra as práticas espíritas. Abaixo deixarei mais um espaço para sua devida citação.



Com nosso espaço reservado ao CACP em nos demonstrar que na Codificação há a menção sequer de uma afirmação de que os ensinamentos de Jesus não se aplicam aos dias de hoje, bem como a condenação bíblica do Espiritismo. Contudo, vamos adiante nos argumentos do CACP. Vejamos:

Embora haja um abismo entre o ensino espírita e o cristianismo, Allan Kardec procura misturar os fundamentos e chega a afirmar que *“o cristianismo e o espiritismo ensinam a mesma coisa”*. 9

Mas se realmente o espiritismo ensinasse as mesmas doutrinas do cristianismo, seria de se esperar que os seus ensinamentos concordassem com as palavras de Jesus e dos apóstolos. E a melhor maneira de conferir essa afirmação é confrontando o que diz o espiritismo com o que ensina a Bíblia, que é o livro-base do cristianismo.

No que tange à moral cristã não temos dúvidas que o Espiritismo ensina as mesmas doutrinas do cristianismo, bem entendido aquele que podemos retirar dos ensinamentos do Cristo e não aquele deturpado e entremeado de crenças pagãs, que é o apregoado pelas igrejas ditas cristãs. A variabilidade decorre com relação às questões dogmáticas, sem amparo na razão e na ciência. Enfim, os dogmas têm sido a causa de muito derramamento de sangue ao longo dos tempos e, quando não isso, de separações diversas, desde o seio familiar, passando pelo ciclo das amizades, até a fraternidade (que deveria existir) religiosa.

Uma religião que subtrai a autoridade bíblica

Allan Kardec declara que, na Bíblia, encontramos apenas comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias, que não poderiam, em caso algum, ter a autoridade de um relato dos que haviam recebido as instruções diretamente do Mestre.

“A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode hoje aceitar, e outros que parecem singulares e que repugnam, por se ligarem a costumes que não são mais os nossos. A ciência, levando as suas investigações desde as entranhas da terra até as profundezas do céu, demonstrou, inquestionavelmente, os erros da gênese mosaica, tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que as coisas se passassem conforme o modo pelo qual estão aí textualmente narradas, dando por essa forma profundo golpe nas crenças seculares”. 10

Neste ponto, vou me valer da pesquisa do confrade Thiago Toscano Ferrari, que em seu texto [“Verdade ou Mentira?”](#), p. 31-33 nos diz numa mesma análise em resposta a este argumento do

CACP, onde ele aponta o caro contraditor que cita diversos trechos mutilados da obra *A Gênese*, onde Kardec traz alguns discursos e, a nosso ver, se valeu de mais uma colcha de retalhos em seus argumentos, a fim de validar o seu entendimento acerca do Espiritismo com o trato com a Bíblia. Vamos aos fatos.

6. - A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo.

Por que então não se lhe ergueu mais cedo o véu? De um lado, por falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, por efeito do princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito ultra cego à letra, e, assim, pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sobre o sentido literal. Partindo, tais crenças, de um ponto primitivo, houve o receio de que, se se rompesse o primeiro anel da cadeia, todas as malhas da rede acabassem separando-se. Fecharam-se então os olhos obstinadamente. Mas, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando uma construção se afasta do prumo, não manda a prudência que se substituam imediatamente as pedras ruins por pedras boas, em vez de se esperar, pelo respeito que infunde a vetustez do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo? (KARDEC, 1995, p. 87-88, grifo nosso)

De acordo com o que foi afirmado pelo então opositor de que o Espiritismo não se apega a literalidade das Escrituras, certamente é para que não se tomem as fábulas por verdades inquestionáveis, como já foi por nós, em outra oportunidade nessa resposta, falado. Contudo, a nossa abordagem inicial ao item 6 do capítulo V e não erroneamente citado no artigo como IV citado acima, grifamos a parte que o articulista apresenta aos seus leitores e omite a parte seguinte em que Kardec diz em seguida “*Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo*”.

Como podemos ver, caro leitor, Kardec não desprezava as Escrituras. O que fez, condiz com o fato de nos revelar as grandes verdades nas narrativas bíblicas; desmistificar as fábulas e alegorias, dando-as sentidos inteligíveis sob o ponto de vista racional; dá novo curso aos caminhos que as religiões estavam tomando, causa de tantas guerras e desavenças.

7. - Levando suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou a Ciência, de maneira irrefragável, os erros da Gênese moisaica tomada ao pé da letra e a impossibilidade material de se terem as coisas passado como são ali textualmente referidas. Ora, assim procedendo, a Ciência, do mesmo passo, fundo golpe desferiu em crenças seculares. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental. Mas, com quem havia de estar a razão: com a Ciência, que caminhava prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas, ou com uma narrativa escrita quando faltavam absolutamente os meios de observação? No fim de contas, quem há de levar a melhor: aquele que diz 2 e 2 fazem 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 e 2 fazem 4 e o prova? (KARDEC, 1995, p. 88, grifo nosso)

Já sobre o item 7, o nosso caro opositor tentou passar a impressão de que Kardec quis fazer com que pensassem que a Ciência contradiz as Escrituras, antes, porém, Kardec neste capítulo, tem por objetivo entrelaçar a ciência com a religião, narrando os antigos e atuais sistemas do mundo.

Os erros atribuídos a Gênese mosaica é pela sua literalidade e não o sentido velado que o codificador destrinchou no capítulo IV anterior a este que estamos desenvolvendo, onde foi tratado o papel da Gênese na Ciência. Vamos, porquanto ao item 8.

8. - Mas, objetam, se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou. Se não é uma revelação divina, carece de autoridade e a religião desmorona, a falta de base.

Uma de duas: ou a Ciência está em erro, ou tem razão. Se tem razão, não pode fazer seja verdadeira uma opinião que lhe é contrária. Não há revelação que se possa sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus, sendo todo verdade, induza os homens em erro, nem ciente, nem inscientemente, pois, do contrário, não seria Deus. Logo, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, o que se deve logicamente concluir é que ele não as pronunciou, ou que tais palavras foram entendidas em sentido oposto ao que lhes é próprio.

Se, com semelhantes contradições, a religião sofre dano, a culpa não é da Ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas, dos homens, por haverem, prematuramente, estabelecido dogmas absolutos, de cujo prevailecimento não fizeram questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de resignar-nos, bom. ou mau grado, quando não conseguimos evitá-lo. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhem e nos acomodem com o novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se esboroa, com o risco de sermos arrastados na queda. (KARDEC, 1995, p. 88-89, grifo nosso)

Neste item 8 abordado por Kardec em sua íntegra e citado pelo articulista somente a parte que grifamos, Kardec começa o seu discurso em dizer-nos que há duas possibilidades de entendimento para gênese mosaica: ou ela está sendo mal compreendida ou em sua literalidade está em divergência com os fatos apresentados pela Ciência, nada mais além disso.

Para encerrar nossa abordagem pelas citações do CACP, trazemos a apresentação do item 9, 10 e 11, sendo este último citado pelo CACP, mas que julgamos necessário a citações dos itens 9 e 10 por encerrar o pensamento de Kardec sem sofismas.

9. - Por guardar respeito aos Textos Sagrados, dever-se-ia obrigar a Ciência a calar-se? Fora tão impossível isso, como impedir que a Terra gire. As religiões, sejam quais forem, jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros manifestos. A Ciência tem por missão descobrir as leis da Natureza. Ora, sendo essas leis obra de Deus, não podem ser contrárias a religiões que se baseiem na verdade. Lançar anátema ao progresso, por atentatório à religião, é lançá-lo à própria obra de Deus. É ao demais, trabalho inútil, porquanto nem todos os anátemas do mundo seriam capazes de obstar a que a Ciência avance e a que a verdade abra caminho. Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha.

10. - Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência, as quais funestas só o são às que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Elas, em geral, fazem tão mesquinha ideia da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da Natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. Na sua cegueira, porém, preferem render homenagem ao Espírito do mal, atribuindo-lhe essas leis. Uma religião que não estivesse, por nenhum ponto, em contradição com as leis da Natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.

11. - A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e da Humanidade considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência se tem limitado à pesquisa das leis que regem a matéria. No próprio homem, ela apenas há estudado o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se, com exatidão, das partes principais do mecanismo do Universo e do organismo humano. **Assim, sobre esse ponto capital, pode completar a Gênese de Moisés e retificar-lhe as partes defeituosas.**

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se prende a uma ordem especial

de ideias, que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações. A Filosofia, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas há formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, afora as ideias pessoais de seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de verificação suficiente. (KARDEC, 1995, p. 89-90, grifo nosso)

Por fim, o CACP cita uma pequena frase de Kardec ao entabular a correção da Gênese Mosaica, caso necessário, ao convergir com a Ciência, pois o objetivo das Escrituras é mais voltada para questões filosóficas, voltadas para a questão espiritual, calando-se, assim a ciência neste aspecto. Este é o objetivo de Kardec no capítulo V da obra *A Gênese*.

O eminente espírita Carlos Embassy assim se pronuncia sobre a Bíblia: “Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. [O espiritismo] não rodopia junto à Bíblia. Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome”. 11

Diante disso, fica evidente que o espiritismo, ao mesmo tempo em que alega ser cristão, nega a Palavra de Deus, a base do cristianismo. Além disso, prova que os expositores e defensores do espiritismo ora apelam para a Bíblia, em busca de apoio, ora negam firmemente que ela tenha valor para sua fé.

Como lemos, o espiritismo, por meio de duas de suas maiores autoridades, nega a revelação divina das Escrituras, considerando-a uma mera compilação de fatos históricos e lendários. Os espíritas kardecistas, quando querem dizer que são cristãos, usam as Escrituras, citando-as seletivamente, como lhes convêm, para apoiar suas teorias.

A Bíblia passa a ser então apenas obra de consulta, não faz diferença se é ou não a Palavra de Deus, desde que possam usá-la como desejam. Mas e quanto a nós, cristãos? Temos a Bíblia como regra de fé e conduta para a vida e o caráter do cristão. É isso o que as próprias Escrituras afirmam: “Por isso também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes” (I Ts 2.13).

Considerações finais

Reiterando nossas conclusões, desqualificamos a apresentação estratégica do espiritismo como simples filosofia. Somente quem não conhece a produção literária espírita poderia insistir em negar a condição religiosa do espiritismo. É impossível ser, a um só tempo, cristão e espírita, pois entre ambos os caminhos há uma grande incompatibilidade doutrinária. Devemos ter cuidado para não tomarmos a religião espírita por mera filosofia de vida, porque esse ponto de vista abriria margem para um flerte interdito e condenado pelas Escrituras Sagradas.

NOTAS

1 KARDEC, Allan. O que é o espiritismo. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 294, 1985.

2 KARDEC, Allan. Obras póstumas. In: Obras Completas. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 1206, 1985.

- 3 Ibid., p. 1210.
- 4 KARDEC, Allan. Evangelho segundo o espiritismo. In: Obras Completas. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 534, 1985.
- 5 KARDEC, Allan. A gênese. In: Obras Completas. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 888, 1985.
- 6 BARROS, Homero Moraes. O espiritismo em linguagem fácil. São Paulo: Casa Editora O Clarim, p.61.
- 7 KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. In: Obras Completas. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 171, 1985.
- 8 Ibid., p.172.
- 9 KARDEC, Allan. Evangelho segundo o espiritismo. In: Obras Completas. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 1178, 1985.
- 10 KARDEC, Allan. A gênese. In: Obras Completas. 2ª edição especial. São Paulo: Opus Editora, p. 911, 1985.
- 11 EMBASSAHY, Carlos. À margem do espiritismo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, p. 214, 227. SF
- Matéria publicada pela revista SABER E FÉ – sf n. 2

Reafirmando: o Espiritismo não pode ser responsável pela fala ou pelas ações dos propagadores da causa, mesmo que esses propagadores tenham uma certa relevância para o movimento. O Espiritismo respeita as convicções diferentes à sua, assim, não pode falar por ninguém. O Espiritismo não é o movimento espírita, já o afirmamos.

Quanto ao estimado contraditor achar que Kardec tenha desprezado as Escrituras, eu só posso lamentar a falta de atenção de sua pessoa nos seus estudos. Os sentidos estão claros nos textos e nas falas de Kardec que, inclusive, por ser pedagogo, tinha extrema facilidade para agregar clareza e objetividade aos seus textos, assim como o Espíritos superiores às diversas comunicações.

Conclusão

Como podemos ver caro leitor, carece de fundamentos as colocações e elucubrações do caro detrator em questão. Ao longo deste estudo, a questão que foi lançada no início de nossa resposta, foi respondida pra mim. E pra você? Teria uma argumentação mutilada, com o sentido escondido e, dessa maneira, com as ideias principais escondidas pelo véu da má-fé algum peso ou algum crédito? Enfim, teria o crítico o merecimento de algum crédito? Deixaremos Kardec responder por nós:

O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer. (KARDEC, 2007, p. 34)

Março/2014

Referências Bibliográficas:

KARDEC, A. A Gênese, São Paulo, SP: FEB, 1995.

KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, São Paulo, SP: LAKE, 1991.

KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, São Paulo, SP: IDE, 1989.

KARDEC, A. O Livro dos Médiuns. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. O que é o Espiritismo. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. Obras Póstumas. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. Revista Espírita 1864. Araras, SP: IDE, 1993.

KARDEC, A. Revista Espírita 1868, Araras, SP: IDE, 1993b.

KARDEC, A. O Espiritismo na sua Expressão mais Simples. São Paulo: FEESP, 1979.

Texto Sugerido:

[“Verdade ou Mentira?”](#)